

# Churchill e a «questão judaica»

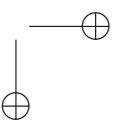
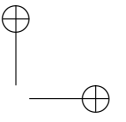
Alguns apontamentos



Américo Pereira

2025

[www.lusosofia.net](http://www.lusosofia.net)





LUSOSofia:PRESS

Covilhã, 2025

FICHA TÉCNICA

Título: *Churchill e a «questão judaica». Alguns apontamentos*

Autor: Américo Pereira

Colecção: Artigos LUSOSOFIA

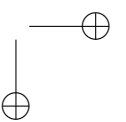
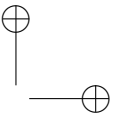
Design da Capa: António Rodrigues Tomé

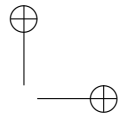
Composição & Paginação: Filomena Santos

Universidade da Beira Interior

Covilhã, 2025

DOI: 10.25768/L-25-001





# **Churchill e a «questão judaica»**

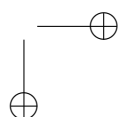
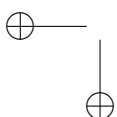
## **Alguns apontamentos**

**Américo Pereira**

Em contraste com o que pouco se fez aquando da presença concreta do problema aqui em questão no mundo, na história, em prol dos que por ela eram afectados, muito se tem trabalhado sobre a «questão judaica» no pós-guerra 1939-1945. As teorias, as explicações – quanto mais complexas melhor – são tantas que, a certo ponto, nada se resolvendo sobre a dita questão, pela simples razão de ela, como tal, já não existir como existiu no tempo em que teria feito sentido agir, se pensa que o melhor é esquecer o tema, melhor, esquecer a construção que em seu torno se fez e que, senão o elimina, pelo menos, lhe retira a visibilidade própria que merece. Já não é bem a «questão judaica» que interessa, mas as questões sobre a questão judaica.

Deste modo, e de maneira a não acrescentar mais um véu aos véus excessivos que já existem, este estudo não é propriamente sobre a «questão judaica», mas sobre alguns actos de Churchill que foram por ele postos e dados ao público quando, exacta e precisamente, deveriam ter sido, isto é, quando a, agora, gasta questão estava bem viva e fazendo moça, por vezes já trágica, sobre isso de que era questão: “os Judeus”.

É sobre os Judeus, sobre isso que era a sua presença real e sobre as ameaças que sobre ela impendiam que Churchill se pronuncia,

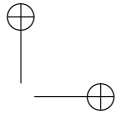


de forma e com termos claríssimos, duríssimos, sem hesitação, sem o patente medo com que os oligarcas ocidentais ditos democratas coevos manifestavam relativamente ao Cabo Hitler. Bem se sabe que não era apenas o medo que imperava, o comércio também pesava, por exemplo. Todavia, como manter a mentira acerca da qual nada ou pouco se sabia acerca dos fins – não as ‘intenções’ que, por serem puramente interiores ao ser humano, são imperscrutáveis – e dos meios do supremo carrasco nazi?

O próprio Churchill afirma, como se verá adiante, nada ou pouco saber acerca do chefe nazi e da sua doutrina em certo momento, 1932. Todavia, aprendeu muito e lestage, pois, já se encontra em 1935 tomada de posição suportada por tal conhecimento nada superficial. Aliás, pode mesmo perguntar-se se, como sentido interior próprio não manifesto, não publicado, não escrutinável por historiadores e outros, por esta altura – 1935 –, Churchill não tinha já interiorizado o sentido – alheio e detestado – da acção de Hitler, sobretudo em termos da direcção e sentido concreto que estava a tomar.

Os trechos aqui usados não são a totalidade dos elegíveis para o efeito que se pretende. Todavia, salvo o retirado das memórias relativas à Segunda Guerra, tendo sido os outros publicados, um em livro o outro na forma mais nobre de mostraçã política da palavra que é o discurso em Assembleia Legislativa, como é, então, possível querer fazer passar por verdade o desconhecimento, mais ou menos completo e universal quer das finalidades de Hitler quer dos meios que sempre foi empregando, mais ou menos sofisticados, mais ou menos latos, mais ou menos eficazes? Que diferença fundamental há, para a vítima que é assassinada, sê-lo com pancada ou com gás?

Ninguém é perfeito, o que é verdade, salvo quando alguém faz algo perfeitamente, como uma simples conta de somar, por exemplo; a realidade é complexa, o que é sempre verdade, pergunte-se a Leibniz; o mundo está sempre a mudar, o que é verdade, mas não



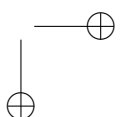
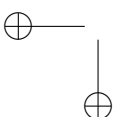
tem de ser necessariamente para uma condição ontologicamente menos boa, com maior entropia para os devotos positivistas. As razões ou pseudo-razões para tudo podem ser as que se quiser, se se perder o vínculo lógico com o real, com o acto que vai construindo, complexamente, o mundo. Ora, prestando a atenção necessária ao que dos actos do mundo se vai fenomenalizando, a inteligência que tal acto de atenção põe como sentido da e na pessoa que assim está atenta não permitirá ter do mundo uma intuição talvez mais profunda e talvez também mais vasta?

Simplificando, o que se atribui à estrutura ontológica de sempre do mundo como se tal atribuição correspondesse a uma descoberta auroral não será devido, antes, a simples estupidez, para usar o termo comum?

Fazer como aqui se faz um estudo do mal acontecido é fácil. Encontrar receitas pós-morte para a cura do mal feito é um exercício que tem tanto de inútil quanto de blasfemo no que respeita ao bem incumprido das vítimas. Todavia, fazer como, por exemplo, o alvo deste estudo, Churchill, fez, isto é, apontar os aos defeitos terríveis enquanto tais defeitos estavam em acto é revelador não apenas de inteligência adequada, mas de grande nobreza humana.<sup>1</sup>

Ora, Churchill escreveu em 1935, apenas dois anos após a subida de Hitler ao poder na Alemanha – datada de 30 de Janeiro de 1933, por nomeação legalíssima do então Presidente Marechal Hindenburg –, e quatro anos antes do início da Segunda Guerra Mundial, as seguintes palavras, compiladas na sua obra *Great contemporaries*, no capítulo precisamente dedicado a Hitler, pp. 201-202:

<sup>1</sup> As habituais críticas contra Churchill e seus hábitos ou vícios não conseguem situar em semelhantes níveis tais defeitos – alguns dos quais manifestos – e os actos virtuosos que praticou. Ainda assim, entre estes, alguns encontraram virtude apenas nos fins, tendo falhado, no todo ou em parte, nos meios: lembre-se a iniciativa de Gallipoli. Todavia, quem mais ousou impor-se inabalavelmente a Hitler, quando e como o Velho Cão de Guerra fez? Quem, exactamente?



«But the internal stresses are even more striking. The Jews, supposed to have contributed, by a disloyal and pacifist influence, to the collapse of Germany at the end of the Great War, were also deemed to be the main prop of Communism and the authors of defeatist doctrines in every form. Therefore, the Jews of Germany, a community numbered by many hundreds of thousands, were to be stripped of all power, driven from every position in public and social life, expelled from the professions, silenced in the Press, and declared a foul and odious race. The twentieth century has witnessed with surprise, not merely the promulgation of these ferocious doctrines, but their enforcement with brutal vigour by the Government and the populace. No past services, no proved patriotism, even wounds sustained in war, could procure immunity for persons whose only crime was that their parents had brought them into the world. Every kind of persecution, grave or petty, upon the world-famous scientists, writers, and composers at the top down to the wretched little Jewish children in the national schools, was practised, was glorified, and is still being practiced and glorified.»<sup>2</sup>

Nesta altura, no tempo, estamos ainda bastante distantes de, por exemplo, Treblinka, lugar e acto em que o nazismo lograria um perfeito triunfo, não fora a revolta bem-sucedida de umas centenas de condenados esfomeados, doentes e permanentemente agredidos, ainda assim capazes de se organizar militarmente, de dar batalha aos SS e seus lacaios e de, surpreendentemente, ganhar, tendo conseguido algumas dezenas fugir, de que apenas um acabou por sobreviver, tendo narrado a experiência (Chil Rajchman).<sup>3</sup>

<sup>2</sup> CHURCHILL Winston Spencer, *Great contemporaries*, Safety Harbor, Simon Publications, 2001.

<sup>3</sup> RAJCHMAN Chil, *Treblinka. A survivor's memory – 1942-43. Includes Vasily Grossman's "Hell of Treblinka"*, traduzido do Yiddish por Solon Beinfeld, «Introdução» por Samuel Moyn, London, Maclehose Press, 2012.



Todavia, em termos de *sentido*, daquilo que estruturou o movimento que conduziu à tentativa de aniquilação dos Judeus, o que é que falta de fundamental nesta detalhada e duríssima acusação que Churchill dirige ao modo de ser do nazismo, da acção de Hitler?

De matricial, fundamental, determinante em termos motores da acção contra os Judeus, o que é que Churchill não apontou em 1935? Que defeitos afirma que Hitler aponta aos Judeus? Que soluções propõe e impõe o tirano nazi? Procurando ser um pouco mais racional, elenque-se o que Churchill diz que Hitler pensa acerca dos Judeus, pensamento que fundamenta a sua acção, a acção da sua administração pública, de polícias várias, das forças armadas e mesmo, como muito bem Churchill diz, da população, grande parte do chamado «povo alemão».

Hitler, segundo Churchill, afirma sobre os Judeus:

*Os Judeus contribuíram, através de influência desleal e pacifista, para o colapso da Alemanha na parte final da Grande Guerra.*

*Os Judeus são os principais esteios do comunismo.*

*Os Judeus são autores de doutrinas derrotistas, em todas as formas.*

*Os Judeus, que formam uma comunidade de centenas de milhares, devem ser destituídos de todo o poder.*

*Os Judeus devem ser destituídos de toda a posição pública que ocupam.*

*Os Judeus devem ser destituídos de toda a posição que detêm a nível social.*

*Os Judeus devem ser expulsos das profissões que exercem.*

*Os Judeus devem ser silenciados na imprensa.*

*Os Judeus devem ser declarados uma raça malvada.*

*Os Judeus devem ser declarados uma raça odiosa.*

*Os Judeus cometeram o crime de ter vindo ao mundo, por acção dos seus pais.*

*Para os Judeus, de nada servem os serviços prestados, no passado, à Alemanha.*

*Para os Judeus, de nada serve terem demonstrado patriotismo relativamente à Alemanha.*

*Para os Judeus, de nada serve terem sido feridos – na guerra – ao serviço da Alemanha.*

*Para os Judeus, de nada servem quaisquer das acções acima elencadas, mesmo que oficialmente comprovadas, em termos de uma possível imunidade contra tratamento negativamente discriminatório de qualquer tipo.*

*Para os Judeus, de nada serve ter sido ou ser cientista de renome mundial.*

*Para os Judeus, de nada serve ter sido ou ser escritor de renome mundial.*

*Para os Judeus, de nada serve ter sido ou ser compositor de renome mundial.*

*Para os Judeus, de nada serve ser criança em idade escolar.*

*Sobre os judeus foram lançados todos os tipos de perseguição, mesquinhos ou graves.*

*Sobre os judeus foram criadas e promulgadas doutrinas ferozes.*

*Sobre os judeus foram impostas tais doutrinas com brutal vigor pelo governo e pela população.*

*Sobre os judeus foram lançados movimentos ofensivos, que foram e continuam sendo (1935) glorificados.*

Se este texto sobre que ora se reflecte tivesse sido escrito por um autor desconhecido, obscuro, como se costuma dizer, compreender-se-ia que ninguém ou quase ninguém o tivesse lido. Todavia, se Churchill era algo, mesmo nos ditos vazios anos '30, esse algo era ser conhecido. O Velho Bulldog era amado ou desamado, mesmo odiado por alguns de seus adversários, de forma nitidamente pública. O que dizia em assembleias, na rádio, em conferências, o que escrevia em periódicos ou em livros, tudo isto era lido e vasculhado quer para se poder aprender algo quer para se po-

der encontrar algo com que destruir o sempre impertinente homem de Estado.

Então, retoma-se a questão: ninguém leu ou ninguém entendeu o que Churchill escreveu neste texto sobre Hitler em 1935? A questão, que não é meramente retórica, ficará sem resposta, propositalmente, porque, *de facto*, tudo se passou como se, *de facto*, ninguém tivesse lido ou, lendo, compreendido, o que o Velho Soldado escreveu, disse.

Como é evidente, esta questão não se dirige aos membros ditos anónimos dos chamados povos, mas aos que constituíam as oligarquias dominantes nas várias partes do mundo, sobretudo as oligarquias que exerciam o poder nas chamadas democracias ocidentais, capazes, teoricamente, de agir, em conformidade com o que intuía da realidade, a um nível em que nenhum outro tipo de agente político é capaz.

Não seria, certamente, o homem do talho de aldeia ou a dona de casa burguesa que, ainda que concordando de coração com Churchill, quem iria tomar as medidas necessárias e que se impunham para impedir que o pensamento nefasto se concretizasse, que os actos negativos já em curso fossem suspensos. Mr. Butcher e Mrs. Wife dificilmente o conseguiriam.

Como outro exemplo pode apontar-se o do próprio Churchill, com toda a sua clara intuição acerca dos fundamentos do nazismo e das possíveis consequências práticas e pragmáticas de tal movimento político, que, então, pouco mais poderia fazer, pouco mais foi capaz de fazer contra tal, pois, não fazendo parte da oligarquia activa e com poder executivo, apenas se poderia limitar a dizer, a manifestar, a publicar, o que a sua intuição lhe dava relativamente a isso que o nazismo mostrava ser, mostrava estar sendo. Assim que passou a fazer parte da oligarquia com poder, como Primeiro Lorde do Almirantado (Ministro Britânico da Armada), o Velho Soldado passou a usar dos novos meios de que dispunha para com-

bater *também com actos pragmáticos* o inimigo que até então combatera apenas com actos retóricos.

Fica, pelo menos, desmentida a afirmação segundo a qual, antes do desencadear das hostilidades da Segunda Guerra Mundial, não se sabia o que era o sentido nazi e a vontade, ou, pelo menos, o desejo de Hitler, relativamente aos Judeus. *Sabia-se claríssimamente*. O elenco das acusações de Churchill aproxima-se da exaustividade e é claríssimo, rigorosíssimo, duríssimo e chocante. Como ignorá-lo?

*A maior parte dos que detinham o poder de travar efectivamente Hitler escolheram não o fazer.*

As desculpas invocadas para a inacção dos teoricamente potentes agentes capazes de travar o progresso do nazismo são muitas, todas elas se revelando ignaras quando, após o massacre ocorrido, se compara o que poderia ter sido o custo, sobretudo humano, de ter travado Hitler, por exemplo, nos dias seguintes à publicação deste texto de Churchill, com os custos de não o ter feito.

Há que relembrar que, por esta altura, as forças armadas da Alemanha nazi eram, se bem que profissionais e competentes, ridiculamente exíguas e pragmaticamente destituídas de meios físicos capazes. Por exemplo, o exército Francês era muito mais poderoso, teoricamente. Tal vantagem teórica nunca foi posta em prática. Para tal, houve quem tivesse decidido não usar tal superioridade teórica. Como se sabe, os resultados foram brilhantes.

Com isto, não se está a fazer um juízo fácil pós-facto, mas a mostrar que existiam razões graves e *mostradas ao mais alto nível*, como tais, para que se agisse. Não se agiu em conformidade com a necessidade de atalhar um perigo claro que se ia construindo em aceleração constante, o que implicava, logicamente, que, passado um certo tempo, quem assim se construía e se preparava para a guerra iria *querer ter uma guerra*.

Ora, o inimigo derrota-se mais facilmente se for mais fraco, o mais fraco possível. Não se percebeu isto? É uma questão ló-

gica, apenas uma questão lógica, para a qual a resposta tem de ser dada segundo a lógica posta em marcha por quem age contra o bem alheio, não segundo categorias psicológicas ou historiográficas, por exemplo; muito menos, rezando aos santinhos da paz para que o tirano em crescimento se converta num santo homem. Os santinhos da paz não compensam a preguiça e a estupidez humana.

Não é um ‘deus’ qualquer que vai a Auschwitz fazer o trabalho que tem de ser feito por seres humanos; se o não fizerem, eles próprios negam a sua humanidade, entregando, por acção ou omissão, o triunfo às bestas. Não se pergunte, então, de forma imbecil e acintosa contra os que se bateram pela humana dignidade, ‘onde estava Deus em Auschwitz?’, pergunte-se «onde estava eu, em Auschwitz?», «onde estava o meu pai, em Auschwitz?», «onde estava a minha mãe, em Auschwitz?».

Será que Papá ou Mamã estavam ambos em Auschwitz, e um era o comandante e o outro a mulher do comandante; um era guarda na parte dedicada aos homens, a outra guarda na parte dedicada às mulheres? «Deus?»; não: «eu», eu que pergunto e permito o mal que posso impedir: este diz-me respeito; o mais, não sendo passível de remédio efectuado por mim, para tal fim e em tal contexto, não existe.

*De facto*, a fim de travar o movimento incoativo anunciado atempadamente por Hitler, *nada se fez*. De facto, por omissão, auxiliou-se Hitler, o mesmo que, *de facto*, tinha escrito a obra *Mein Kampf*, em que, *de facto*, anunciava ao mundo o que entendia dever fazer para restaurar a glória da Alemanha; melhor, para expandir, de modo que se pode pensar como tendencialmente infinito, a glória da Alemanha, *deificada*, como deificado será o seu condutor, o seu *Führer*.

No ano seguinte àquele da publicação do primeiro texto aqui trabalhado, a 24 de Março de 1936, num discurso proferido por Churchill, como Membro do Parlamento, na Câmara dos Comuns, dedicado ao tema «The Jews: ‘Their blood and race declared defi-

ling and accursed'», a certo ponto, encontramos dito, a propósito da situação no Médio Oriente:

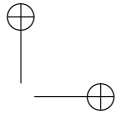
«[...] at a time when the Jewish race in a great country is being subjected to most horrible, cold, scientific persecution, brutal persecution, a cold 'pogrom' as it has been called – people reduced from affluence to ruin, and then, even in that position, denied the opportunity of earning their daily bread, and cut out even from relief by grants to tide the destitute through the winter; their little children pilloried in the schools to which they have to go; their blood and race declared defiling and accursed; every form of concentrated human wickedness cast upon these people by overwhelming power, by vile tyranny.»<sup>4</sup>

A questão acerca da publicidade deste discurso não pode sequer ser posta, pois não há lugar politicamente mais público em toda a Grã-Bretanha do que a Câmara dos Comuns. Churchill, com este discurso, se bem que de forma diplomática, mas firme e clara, levou a este *forum* a questão do modo como o nazismo estava tratando os Judeus. Que real interesse foi despertado? Real, nenhum.

Ao mais alto nível da política britânica, o que, de facto, interessava não era o que se passava com os Judeus na Alemanha feita nazi, mas outras questões, certamente mais interessantes para quem por elas se interessava. O que Churchill dizia, com palavras duríssimas e claríssimas, acerca da condição política dos Judeus na Alemanha nada interessava, de facto.

No entanto, a intensa chamada de atenção foi feita e foi-o a um nível político que impede qualquer desculpabilização dos mais altos responsáveis formais pela condução da política britânica ao mais alto nível, com base em ignorância. Sabia-se o que se passava;

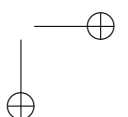
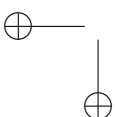
<sup>4</sup> CHURCHILL Winston Spencer, *Never give in! Winston's Churchill's speeches*, Selected and edited by his grandson, Winston. S. Churchill, London, New Delhi, New York, Sydney, Bloomsbury, 2013, pp. 105-106.



*sabia-se o que se passava, ao mais alto nível.* Todavia, ninguém com poder efectivo se interessava, se interessou. O poder de Churchill, neste momento, resumia-se apenas à sua tonitruante voz. Nos possíveis interlocutores, os ouvidos eram voluntariamente surdos.

Consequentemente, não houve qualquer atitude corajosa de enfrentamento eficaz do tirano que assim procedia contra todo um povo. Poder-se-á dizer que, na altura, *ninguém* tinha esse tipo de coragem. Ora tal não é correcto. É, ainda, Churchill quem marca a história (não é a historiografia que relata o que pode e o que quer), pois, se recuarmos até 1932, quando Hitler ainda não tinha ascendido ao poder na Alemanha, mas se aprestava para o fazer – e de modo formalmente democrático –, podemos verificar como Churchill, que diz de si próprio na suas memórias que nessa altura não «tinha preconceitos nacionais contra Hitler», conseguiu *questionar o sentido* das posições do chefe do partido nazi. São estas as suas palavras:

«In the summer of 1932 [...] I drove into Munich, and spent the best part of a week there. / At the Regina Hotel a gentleman introduced himself to some of my party. He was Herr Hanfstaengl, and spoke a great deal about “the Fuehrer”, with whom he appeared to be intimate. [...] Herr Hitler came every day to the hotel about five o’clock, and would be very glad indeed to see me. / I had no national prejudices against Hitler at this time. I knew little of his doctrine or record and nothing of his character. [...] However, in the course of conversation with Herr Hanfstaengl I happened to say, “Why is your chief so violent about the Jews? I can quite understand being angry with Jews who have done wrong or are against the country, and I understand resisting them if they try to monopolise power in any walk of life;



but what is the sense of being against a man simply because of his birth? How can any man help how he was born?"<sup>5</sup>

Este trecho das memórias de Churchill é revelador acerca do que era, então, a sua situação de ignorância fundamental relativamente a parte das dimensões da figura-Hitler, o que, por sua vez, parece manifestar o que seria a situação comum dos variados pares políticos de Churchill, pelo mundo fora (e, mesmo nessa altura, apenas a este nível Churchill pode ser, para o bem e para o mal, comparado). Todavia, esta paridade em ignorância não é crível, pois, se bem que o Velho Soldado não tivesse, naqueles dias, obrigação formal de saber muito e muito pormenorizado acerca de Hitler e do que pensava politicamente, publicamente, tal desconhecimento fundamental, dito como sendo comum em certos níveis de poder, não é passível de ser acreditado.

Um conhecimento mais profundo, pormenorizado e complexo era obrigatório por parte dos profissionais que tinham o dever formal e material de estar actualizados, de entre eles, por exemplo, os diplomatas.

É, também, muito interessante o Velho Bulldog afirmar clarissimamente que não tinha qualquer preconceito nacional contra o chefe nazi. Ficamos, ainda assim, sem saber se teria algum preconceito 'não-nacional', talvez pessoal. O que está em causa não é da ordem do preconceito nacional, por exemplo, contra os naturais da Alemanha, mas da ordem do político e, como motor da decisão política, da ordem do ético, lugar antropológico em que as decisões são tomadas.

Será esta a razão profunda pela qual Churchill nunca quis, sequer, encontrar-se com o tirano nazi, o tê-lo percebido, desde que o estudou, como uma aberração ética e política, impassível de diálogo? Note-se que, tendo combatido durante muitos anos o comu-

<sup>5</sup> CHURCHILL Winston Spencer, *The Second World War. Volume I. The gathering storm*, New York, Boston, Houghton Mifflin Company, 1985, p. 75.



nismo soviético e, nele e com ele, Estaline, não se opôs a encontrar-se com ele e a dialogar com ele, embora tais diálogos não fossem fáceis e o chefe soviético não fosse passível de depósito de grande confiança. Nitidamente, entre os dois monstros humanos, Churchill considerava, objectivamente, Hitler o monstro intangível.

O que se fica, outrossim, a saber é que, apesar da falta manifesta de preconceito nacional contra Herr Hitler e de conhecimentos aprofundados sobre áreas com possível relevância acerca da sua pessoa e da sua acção, em 1932, Churchill mostra saber muito e bem acerca do preconceito do condutor do movimento nazi acerca dos Judeus, não porque fossem objectivamente nocivos à nação alemã ou por quererem poder para lá do razoável, mas meramente por *terem nascido Judeus*, e não outra coisa qualquer.

De facto, para o Churchill que amava a sua Nanny plebeia, o mesmo que nascera num dos maiores palácios da Grã-Bretanha, Blenheim, que estivera no fundo de uma mina na África do Sul coberto por ratos, que melhorara as condições de vida dos mineiros, que criara a «semana inglesa», que melhorara as condições nas prisões, que matara muitos homens em várias batalhas, que estivera na lama das trincheiras – da mesma Grande Guerra em que o cabo Hitler tinha estado –, ao lado dos seus subordinados, para o homem que falhara em Gallipoli, *fazia sentido matar um inimigo declarado*, atacar um inimigo mesmo correndo perigo excessivo, levar perante a lei um grevista em contravenção: *não fazia sentido algum maltratar alguém apenas por ter nascido como nasceu*.

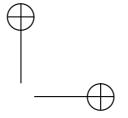
Nota-se na narração que Churchill dá da conversa com o amigo de Hitler o tom – talvez também *snob* – de nojo perante quem possa tal pensar, perante quem possa tal fazer. Como já se referiu, Churchill nunca aceitou encontrar-se com o cabo Hitler feito Chanceler e ditador nazi da Alemanha. Parece que, para certas pessoas, mesmo no exercício denso e muitas vezes intransparente da política, há limites. Ora, os limites não são ultrapassáveis.

Parece, assim, que, para o Velho Winston, o modo antropológicamente aberrante como os nazis tratavam os Judeus estabelecia quer um limite de relação quer um paradigma do modo como Hitler e os seus seguidores – lembre-se que, durante muito tempo, foi grande parte do povo alemão – actuariam; modo totalmente inaceitável; agentes com quem nunca se negociaria, precisamente por causa de tal modo antropológicamente perverso de agir.

Infelizmente, o movimento que constitui a História deu razão a Churchill, às suas inatendidas advertências, provocando não apenas o que foi a matança de todos os Judeus que a máquina de morte nazi conseguiu processar cabalmente como carne descartável, como, também, de milhões de outros seres humanos, não-judeus, contudo tendo compartilhado com estes o facto de serem *considerados como existencialmente indesejados pelos nazis*. A esta matança, acrescenta-se as que os aliados de Hitler realizaram, não apenas os Japoneses (que começaram também antes de 01 de Setembro de 1939), mas também outros, mesmo os próprios Soviéticos, em tempos aliados dos nazis, e que aniquilaram incontáveis seres humanos.

Reponderar os actos que construíram a história não é reescrever historiografias, não é fazer ‘revisionismos’, é repensar possibilidades, não a partir de fantasias, mas de realidades existentes nos tempos em causa em tal reflexão. Deste modo, a questão não pode deixar de ser posta, mesmo que nunca haja resposta: ‘e se se tivesse dado ouvidos às denúncias claras e públicas que Churchill foi fazendo ao longo de anos?’

Uma evidência, que não é uma resposta a esta questão, pode ser percebida: o que sucedeu aos Judeus (e às outras vítimas de processos paralelos ou convergentes) não foi fruto de um acaso, não foi decreto divino de deus algum, não foi devido a uma qualquer necessidade cósmica ou anti-cósmica, foi *fruto de decisões*, decisões que se podem simbolicamente sintetizar em ‘o que sucedeu aos Ju-



*Churchill e a «questão judaica». Alguns apontamentos* 17

---

deus foi devido à decisão de não se combater o nazismo enquanto era possível erradicá-lo, aniquilá-lo, com alguma facilidade’.

Aquando das primeiras e madrugadoras chamadas de atenção de Churchill, tal possibilidade existia. Mais tarde? Mais tarde foi o que sucedeu, como sucedeu.

